



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Caminhadas exploratórias - um certo olhar

Autoria: Aline Gama de Almeida (Instituto Nacional do Semiárido)

Um dos métodos iniciais da etnografia urbana é a realização de ?caminhadas exploratórias? pelo espaço da cidade para reconhecimento e definição do campo. Nessas caminhadas, as camadas da cidade aos poucos se revelam. As pessoas com suas cores, formas e cultura; a arquitetura, suas linhas e sombras; os transportes, seus ruídos e rastros entremeiam a sensibilidade cultural e teórica do antropólogo que começa a definir sua narrativa da e na cidade. Contudo, cada cidade requer um tipo de caminhada que também é determinada por quem os passos são dados. A atenção a esse exercício inicial, inaugurado por Robert Park e incorporado na rotina da antropologia urbana, partiu de dois processos de mudanças de residência do Rio de Janeiro para duas cidades do Semiárido brasileiro. Esses suscitaram indagações sobre o movimento que traça as perspectivas visuais que se delineiam logo após a esse método inicial e norteiam as pesquisas urbanas. Será, então, o plongée desses primeiros passos o foco da análise desse ensaio. Esse trata de uma pesquisa inicial sobre o termo "caminhadas exploratórias" que revisita a antropologia urbana brasileira e demais autores que já discutiram o ato de caminhar na cidade. O intuito do work é refletir essa perspectiva visual a partir das peculiaridades desse espaço das cidades brasileiras. Nele se exercem diferentes formas de sociabilidade, mas também se materializam as nuances das fronteiras entre o público e o privado.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: